

## “A Filosofia como questão”

Maria João Ceitil

João ... uma *Saudade Inaugural*. Tu que dizias que eu procurava uma linguagem inaugural fizeste-me conhecer uma *Saudade Inaugural*. *Bô está em nha coração*.

O que é a Filosofia? O pensamento tem ou não os seus fétiches, os seus objectos-fétiche? E, será possível fazer um trabalho com alguma seriedade ocultando a interrogação fundamental: o que é a Filosofia? Se considero a resposta a esta questão como já efectivamente respondida por outros, isto é, se parto do princípio que os filósofos já responderam à interrogação, de modo definitivo e inquestionável, sobre o que é a Filosofia, aceito a tradição, aceito os argumentos de autoridade e, sobretudo, coloco-me num lugar onde afirmo que não vou colocar esse tipo de questão e, portanto, não lhe vou responder. Este é um lugar confortável e seguro: os filósofos “pensaram por mim” na questão de fundo. O conforto e a segurança deste lugar residem no facto de eu poder usar aquilo que os filósofos pensaram para me defender: o filósofo X ou Y pensou deste modo; a autoridade pensou deste modo. Sempre preferi o desconforto, a insegurança e a solidão e, faço um esforço imenso para me conseguir relacionar positivamente com questões que digam directamente respeito a argumentos de autoridade. Esta problemática diz respeito àquilo que mais me interessa no pensamento de João Paisana; àquilo que, no texto dele, me põe a pensar sobre o que é a própria Filosofia. João Paisana coloca a questão da necessidade de destruir a tradição, no sentido de a interrogar radicalmente, intimamente ligada à questão sobre o que é a própria Filosofia.

“Ao não se questionar sobre o que é a *filosofia*, necessariamente não se possui um critério que permita articular claramente a sua história; isto é, sem elucidar o conceito de filosofia, condena-se a sua pretensa história à completa ininteligibilidade. (...) elegem-se os “grandes filósofos”, as “filosofias clássicas”, os “grandes nomes” do passado, baseando-se exclusivamente na *tradição*, sem que esta tradição venha a ser ela mesma questionada. Assim, aceita-se passivamente a tradição no sentido mais limitadamente tradicionalista (...).

Como veremos, a *tradição*, quando elucidada através da exegese existencial, revela-se com um *conjunto de respostas sem questão*; (...) a tradição permite

à filosofia, culturalmente domesticada, ganhar em respeitabilidade institucional o que perde em inquietante capacidade destrutiva”<sup>1</sup>.

Destruir a tradição não significa liquidá-la, ignorá-la; o movimento é outro: é um movimento de interrogação radical que impossibilita a existência de ídolos e de argumentos de autoridade; que impossibilita a *indestrutibilidade do pensamento*. É o movimento de fundo do pensamento filosófico: a autonomia e a solidão. A este respeito João Paisana fala na necessidade de rigor no pensamento e, cita Heidegger a propósito da “arrogância do pensamento” como condição necessária ao exercício da Filosofia: “arrogância” no sentido de verdadeira autonomia, liberdade; daí que, João Paisana citando Heidegger afirme a necessidade da Filosofia ser um ateísmo<sup>2</sup>. É necessário que a tradição seja questionada, integralmente questionada, não com o fim de matar, assassinar os “grandes filósofos”, as “filosofias clássicas”, os “grandes nomes”, mas antes com o fim de manter em aberto a questão sobre o que é a Filosofia. Permitir o fluxo do pensamento. Foi Fernando Belo que me permitiu *ver* que este livre fluxo do pensamento, esta possibilidade de um movimento de insurreição, isto é, aquilo que eu pretendo fazer da e com a Filosofia foi feito pelos gregos: foram os gregos que inventaram a alma e, com isso exerceram a autonomia e a soberania do pensamento; a “arrogância do pensamento”, para utilizar a expressão que João Paisana cita de Heidegger<sup>3</sup>.

E, haverá alguém que melhor tenha exercido a “arrogância do pensamento” que o divino marquês, o marquês de Sade?<sup>4</sup> Sade é, em primeiro lugar, um intelectual sem ser um intelectualista: aquilo que o corpo lhe dá de um modo incontornável é o desejo de escrever sobre esse mesmo corpo. E é o seu próprio corpo que o põe a pensar, que o põe a escrever. Algo que se me afigura como sendo do maior interesse em Sade é o facto de os libertinos serem filósofos, isto é, as volúpias carnisais são indissociáveis do exercício da Filosofia<sup>5</sup>. Existe, no entanto, um *problema* em relação ao texto de Sade: o uso de linguagem pornográfica, obscena. Mas, não se pode dizer que o discurso de Sade tenha como finalidade a finalidade comum, vulgar, do discurso pornográfico. O discurso pornográfico tem um único objectivo: a erecção e, a ejaculação. Quem já leu Sade sabe que aquele texto não provoca nem erecções nem ejaculações. É um texto que não se dirige aos genitais... nem ao ânus, o grande objecto-fétiche de Sade. Essa é uma das grandes questões do texto de Sade: ele não quer provocar erecções e ejaculações miseráveis; quer nomear a miséria, construir, simbolicamente, o que são a Miséria, o Mal, a Abjecção, o Repugnante, a Humilhação. Ele não fala do Mal: *constrói o Mal*: daí a sua soberania, a sua “arrogância”. *E é porque Sade constrói o Mal que ele faz Filosofia*. A interrogação a respeito da libertinagem, intimamente associada ao Mal, é a interrogação a respeito

<sup>1</sup> PAISANA, João, *História da Filosofia e Tradição Filosófica*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 9-10.

<sup>2</sup> Cf. *Op. cit.*, p. 8.

<sup>3</sup> Cf. BELO, Fernando, “Contexto, portanto relatividade”, in *Românica. Contextos*, n.º 9, 2000, Lisboa, Edições Colibri, pp. 35-49. Fernando Belo permitiu-me ainda ter a *intuição* deste facto no registo do diálogo, quando se realizaram as minhas provas de Doutoramento em Filosofia.

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, SADE, “Les Cent Vingt Journées de Sodome”, in *Oeuvres Complètes du Marquis de Sade*, Vol. I, Pauvert, 1986.

<sup>5</sup> Cf. CEITIL, Maria João, “Uma Aproximação ao Ser-Superfície-sem «ao Fundo» em Sade”, in AAVV, *Dinâmicas da Subjectividade*, 1 a 4 de Março de 1995, Lisboa, Frederico Pereira, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Março 1997, pp. 247-257.

da Filosofia, do fazer da Filosofia. Aquilo que é interessante, para quem se dedica à Filosofia e, não tolera as possíveis ligações de uma hipotética filosofia à moral e à teologia, é assistir à construção do Mal. O Mal sob as suas múltiplas formas: o desejo de fazer o mal sem justificação de carácter algum – O Mal Absoluto – e, a emergência de uma *má linguagem*: a linguagem pornográfica. A linguagem pornográfica torna-se absolutamente necessária porque não seria utilizando a linguagem vulgar que Sade iria construir o Mal.

Aquilo que me liga ao pensamento de João Paisana está ligado àquilo que me liga ao pensamento de Sade: a necessidade da interrogação radical sobre a Filosofia e o fazer da Filosofia, a necessidade de “destruir” a tradição e, a consequente emergência de outras linguagens e outras formas de pensar. Como afirma João Paisana: “Se a tradição é uma resposta sem questão ou, mais exactamente, uma resposta que vela a questão, a tradição filosófica vela a questão da filosofia como questão”<sup>6</sup>. Este parece-me ser o problema de fundo: “a questão da filosofia como questão”. Isto significa que ou a Filosofia se coloca a si mesma em questão ou, caso contrário, encaminha-se para um qualquer exercício muito estranho e, em relação ao qual não consigo vislumbrar interesse de ordem alguma. “A questão da filosofia como questão” obriga-me a colocar uma pergunta: será possível fazer Filosofia sem se passar por esta interrogação originária e fundante? O movimento do fazer da Filosofia não implica sempre uma dupla relação à origem? Relação à origem no sentido de relação aos gregos e, relação à origem no sentido de *começar de um modo originário*. Será possível começar a fazer Filosofia sem partir de um movimento de solidão? Isto significa perguntar o seguinte: será possível fazer Filosofia num movimento de “colagem” às questões e às respostas que outros deram? O que é interessante no pensamento de João Paisana é, precisamente, a soberania do seu pensamento; a necessidade que ele sente de interrogação radical; a inexistência de ídolos no seu pensamento. Dou um exemplo a este respeito: uma das questões que me ocupa é a questão relativa ao modo de pensar o corpo, a carne em Filosofia. E, a este respeito coloco a questão a partir do meu próprio corpo, da minha carne. Não posso ignorar a tradição filosófica relativamente a este problema porque isso também significaria descontextualizar-me do discurso filosófico. E, o meu objectivo não é ignorar a tradição filosófica; muito pelo contrário, o meu objectivo é estar em diálogo com ela. Mas também seria muito estranho limitar-me a aderir a algumas ideias com as quais me identificasse a este respeito do filósofo X ou Y. Seriam os outros a dar as “minhas” respostas que, *a partir do momento em que eram respostas dadas por outros já não seriam as minhas respostas*. Posso ainda enunciar uma outra questão a este respeito: como é que o filósofo X ou Y podem responder em pleno, em absoluto, às questões que são “minhas”, isto é, ao meu modo de colocar e sentir as questões? Há, evidentemente, filósofos com os quais me identifico e que me seduzem. No entanto, identificação e sedução são uma coisa; o não surgimento da “questão da filosofia como questão” é outra coisa substancialmente diferente. Pretendo com isto dizer que se me afigura estranha a possibilidade de fazer Filosofia “esquecendo” a própria Filosofia enquanto questão. É evidente que, não ocultar, não “esquecer”, não considerar respondida “a questão da filosofia como questão” implica um risco considerável para aquele que está a pensar: um risco considerável porque a partir do momento em que coloca

<sup>6</sup> PAISANA, João, *História da Filosofia e Tradição Filosófica*, Lisboa, Edições Colibri, p. 26.

a própria Filosofia enquanto questão está-se a expôr e, em qualquer movimento de exposição há sempre uma fragilidade. Aquele que se expõe, pelo simples facto de se expôr, adquire uma certa fragilidade que lhe vem de se expôr na solidão. Colocar “a questão da filosofia como questão” significa, em última instância, assumir a solidão do acto de pensar filosoficamente. É precisamente disto que João Paisana fala: a necessidade de um movimento de insurreição no fazer da Filosofia que coloca a própria Filosofia radicalmente em questão. O que ele afirma é que a tradição não se encontra investida do poder de não ser interrogada pelo simples facto de se constituir enquanto tradição. Há alguma razão, *intrinsecamente filosófica*, para que não se utilize uma linguagem pornográfica e obscena em Filosofia? (Seria ainda necessário discutir o que é uma “razão intrinsecamente filosófica”). A tradição tem evacuado a linguagem pornográfica e obscena da linguagem filosófica; Sade efectua a grande insurreição ao cometer o Crime de invadir o território da Filosofia com linguagem pornográfica e obscena. Mas, haverá algum argumento de fundo para que a Filosofia não possa conviver pacificamente com a linguagem pornográfica? Como afirma João Paisana:

“A destruição da tradição não implica assim uma rejeição absoluta das respostas transmitidas, uma vez que estas, depois de submetidas à discussão, podem revelar-se válidas e obter consenso. Mas então o que valida as respostas transmitidas já não é a própria tradição como tal, mas o diálogo e o consenso obtidos. Por este motivo todas as posições tradicionalistas, quer sejam de cariz pretensamente filosófico ou político, ao defenderem os valores tradicionais apenas porque são tradicionais, como a religião, a pátria, a família, etc., oscilam entre um total ridículo intelectual e um vácuo autoritarismo social; com efeito, as respostas, transmitidas de modo não temático pela tradição, ou se validam tematicamente através da discussão e do diálogo, ou são destituídas de validade. Pretender justificá-las tematicamente apenas pelo seu carácter tradicional é reconhecer implicitamente a sua não validade”<sup>7</sup>.

O que é então inadmissível, insustentável, é que a tradição se considere enquanto válida pelo simples facto de ser tradição, isto é, o que é insustentável é que uma resposta a uma determinada questão seja considerada válida somente porque a tradição deu essa mesma resposta. É evidente que este é o movimento mais estranho ao fazer da Filosofia e, se a Filosofia se constituísse enquanto obediência à tradição a própria Filosofia já estaria morta. Em Filosofia não existem *textos sagrados – não susceptíveis do movimento de interrogação radical*. Existem, de um modo óbvio e incontornável, “grandes filósofos”, “grandes nomes”. A grandeza desses filósofos, desses nomes reside na sua “In-Temporalidade”: o facto de os continuarmos a ler e de o diálogo com eles existir; o facto de não os podermos ignorar, ao formularmos as nossas questões, sob pena de sairmos do registo do discurso filosófico.

É evidente que a resposta à questão sobre a convivência entre o discurso filosófico e o discurso pornográfico não pode residir numa posição tradicionalista porque, tal como João Paisana afirma, isso significaria estar a afirmar “um total ridículo intelectual e um vácuo autoritarismo social”. É necessário que

<sup>7</sup> PAISANA, João, *Op. cit.*, p. 30.

esta questão seja problematizada dentro da própria Filosofia. E, a este respeito, o texto de Sade é originário e inaugural. Passa-se exactamente o mesmo em relação à possibilidade de um discurso intimista em Filosofia (– o tipo de discurso que faço habitualmente –). Podemos partir do pressuposto segundo o qual a Filosofia não é intimista: porque a tradição filosófica não é intimista; porque os filósofos não falam das suas errâncias carnis enquanto estão a fazer Filosofia: as errâncias carnis ficarão remetidas para um discurso autobiográfico. A Filosofia é abstracta e, as particularidades do meu corpo, da minha carne, não têm coisa alguma de abstracto. Existem aqui duas questões: em primeiro lugar, as “posições tradicionalistas” não são aceitáveis em Filosofia. Em segundo lugar, só posso colocar em questão a impossibilidade de o discurso filosófico ser intimista agindo esse mesmo discurso intimista, isto é, não se trata de colocar a questão de um modo exterior mas, trata-se antes de agir concretamente. Colocar “a questão da filosofia como questão” implica sempre uma qualquer violência. Porque, sem o movimento de violência a questão nunca chega a ser radicalmente colocada. Falo neste texto da linguagem pornográfica em Sade e da difícil convivência entre o discurso filosófico e o discurso pornográfico porque esse foi um problema ao qual fui sensível ao ler e trabalhar Sade. No entanto, o que me ocupa realmente, relativamente à linguagem filosófica, ao fazer da Filosofia, é a questão do discurso intimista em Filosofia. O meu fazer da Filosofia tem, ao mesmo tempo, qualquer coisa de irresistível e de indissociável da minha intimidade porque, tal como para Sade, também para mim o pensamento e a carne são inseparáveis. Construir um discurso intimista trata-se apenas de pôr o subterrâneo a falar. E há sempre movimentos subterrâneos no pensamento; o discurso intimista permite-me trazer o subterrâneo para primeiro plano, permite-me a nudez; permite-me a *ligação total* entre todos os pensamentos que se pensam em mim. Permite-me a errância do meu pensamento e, interrogar directamente os limites – segundo a tradição – do texto filosófico. Há coisas, em relação às quais, não é possível perguntarmos se as podemos ou não fazer. Fazêmo-las e, posteriormente, avaliamos os resultados e as consequências. Aliás, perguntarmos pelo *poder de fazer* já é estar a desinvestirmo-nos do *poder de fazer*. Se eu me limitasse a uma interrogação segundo o modelo tradicional – a respeito da possibilidade de um discurso intimista em Filosofia – estaria, automaticamente, a invalidar a possibilidade desse mesmo discurso intimista; e isto por um motivo muito simples: o território a partir do qual eu colocava a questão era estranho à substância da ‘coisa’. Como é que posso validar um discurso intimista se coloco a questão dentro do, a partir do território do discurso não-intimista? Se eu me limitasse a uma interrogação segundo o modelo tradicional estaria, automaticamente, a invalidar a possibilidade de um discurso intimista em Filosofia porque a resposta seria, como é óbvio, negativa. *Não se interroga a tradição a perguntar se se pode fazer de um modo não-tradicional*; porque já se sabe, antecipadamente, o conteúdo da resposta. *“Destrói-se” a tradição fazendo de um modo não-tradicional.*

Aquele que guardou as minhas palavras, as minhas mensagens, é um novo personagem que surgiu no meu universo conceptual. Precisava de voltar a Bagdad para encontrar o homem que chorava letras,<sup>8</sup> de modo a poder construir as palavras que me voltassem a ligar àquele que guardou as minhas palavras. Interrogar radicalmente a tradição não é colocar questões tal como a tradição as coloca; não é

---

<sup>8</sup> Cf. CEITIL, Maria João, “Uma História Aromática em Bagdade”, in AAVV, *Phainomenon. Revista de Fenomenologia*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2, Lisboa, Edições Colibri, pp. 37-50.

formular interrogações segundo “o modo tradicional”; ou antes, também é isso mas não é só isso. Interrogar radicalmente a tradição passa por uma apropriação diferente do texto filosófico e por um diferente fazer da Filosofia. Gostava de ler *Les Cent Vingt Journées de Sodome* àquele que uma vez me disse que tinha guardado as minhas palavras, as minhas mensagens. Talvez eu tivesse de novo o olhar dele se nos interrogássemos os dois a respeito do fazer da Filosofia em Sade. Perdemos. Desencontrámo-nos. *Quero voltar a ter o teu olhar mas ... não sei* (– encontro-me na posição do não-saber –) *se ainda queres as minhas palavras*. “A questão da filosofia como questão” é, para mim, intrínseca à questão da minha-vida-e-da-minha-morte. A solidão do fazer da Filosofia é inseparável dos personagens que povoam o meu universo: são personagens que me permitem pensar um determinado número de questões e, ao mesmo tempo, *não simbolizam a possibilidade de um discurso intimista em Filosofia: são a própria presença de um discurso intimista em Filosofia*. Aquele que guardou as minhas palavras é um personagem que me ajuda a pensar o problema da linguagem e da permanência. E ainda a separação que está presente em todo o acto de pensar. É um personagem que me reenvia para o “Leva-me contigo”<sup>9</sup>. Os meus personagens são rizomáticos<sup>10</sup>. E eu “Levo-os comigo”. Levo-te comigo.

“A história da filosofia exerce em filosofia uma função repressiva evidente, é o Édipo propriamente filosófico: «Tu não vais ousar falar em teu próprio nome enquanto não tiveres lido isto e aquilo, e aquilo sobre isto, e isto sobre aquilo». Na minha geração, muitos não se saíram bem, outros sim, inventando os seus próprios métodos e novas regras, um novo tom”<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Cf. CEITIL, Maria João, *Espaços Dialécticos da Subjectividade*, Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para Obtenção do Grau de Doutor em Filosofia; Lisboa, 2001.

<sup>10</sup> A respeito dos rizomas, cf. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix, *Capitalisme et Schizophrénie 2. Mille plateaux*, «Critique», Paris, Minuit, 1980.

<sup>11</sup> DELEUZE, Gilles, *Pourparlers*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1990, p. 14: “L’histoire de la philosophie exerce en philosophie une fonction répressive évidente, c’est l’Œdipe proprement philosophique: «Tu ne vas quand même pas oser parler en ton nom tant que tu n’auras pas lu ceci et cela, et cela sur ceci, et ceci sur cela». Dans ma génération, beaucoup ne s’en sont pas tirés, d’autres oui, en inventant leurs propres méthodes et de nouvelles règles, un nouveau ton”.